

Folha de S. Paulo

12/1/1991

A PERGUNTA DA FOLHA

O Proálcool melhorou o nível sócio-econômico da região?

Desinformação?

Aloísio de Almeida Prado

SIM

Os oitenta municípios que compõem o nordeste paulista constituem um território de quase 4 milhões de hectares, isto é, meio por cento da área nacional. Aqui vivem 2% dos brasileiros, mais ou menos 2,5 milhões de habitantes, com uma renda per capita de US\$ 5,5 mil, três vezes superior à do país e comparável com a média da Europa Mediterrânea.

É neste meio por cento do Brasil que saem anualmente 4 bilhões de litros de álcool carburante e 40 milhões de sacas de açúcar, ou seja, 35% do álcool e 26% do açúcar produzidos no país.

Não obstante esses números já serem representativos, deste meio por cento de Brasil ainda saem a cada safra 10% dos grãos produzidos no país, mais da metade dos citros, 15% do café, 350 milhões de litros de leite, quase 5 milhões de arrobas de carne bovina acabada, além de vários outros produtos de uma indústria e um comércio diversificado, sendo ainda um dos centros médicos, culturais e educacionais mais evoluídos do continente.

Por tudo isso, alcançamos um PIB de US\$ 17 bilhões, equivalente a 5% do total nacional. Todo esse desenvolvimento foi sedimentado na agricultura. Começou com o café no século passado, depois veio o algodão, junto com os citros, a pecuária, os grãos e a cana, dividindo com o café esta enorme potencialidade.

E chegamos na década de 70: conflitos no Oriente Médio (como hoje) e crise energética (?!...). Da noite para o dia, os brasileiros sentiram sua vulnerabilidade. Depois de mais de 20 anos furando e perfurando, nossa estatal não tinha conseguido achar o "petróleo nosso"... Apelou-se então para a iniciativa privada e como o nordeste paulista já possuía uma base sólida na atividade canavieira ficou fácil ela tornar-se a grande região produtora do combustível alternativo. Numa demonstração de eficiência e capacidade, em 10 anos conseguimos mudar o perfil da matriz energética nacional.

O aumento desta atividade canavieira fortaleceu a economia regional como um todo, trazendo na sua esteira também um evidente crescimento em todas as demais áreas, agrícolas, industriais e comerciais. Nasceu daí também o comprovado binômio cana-alimento: combustível para a máquina e alimento para o homem.

O ganho mais importante foi o social. O advento do Proálcool ajudou a quebrar sazonalidade da atividade agrícola e, com a oferta de serviços o ano todo, reduziram-se as tensões sociais. Hoje, o setor canavieiro nesta região emprega cerca de 120 mil pessoas, que, somados a seus dependentes, representam 24% do total da população.

Este trabalhador é o rurícola mais bem pago do país. Seu salário é maior que o dos metalúrgicos do ABC, dos bancários e dos professores primários da rede estadual. Ele possui a melhor assistência social rural do país, normalizada, regulamentada, fiscalizada e obrigatória.

É a custa desse "mar de cana" que estamos conseguindo suportar essa recessão com mais fôlego que o restante do país, apesar de atarmos na entressafra.

Ainda dentro do aspecto social, a criação do Proálcool mostrou-nos uma nova realidade: aquele histórico acordo firmado em Guariba em 1984 foi o passo inicial para a regularização e a conscientização do relacionamento empregado-empregador. Ambos os lados saíram ganhando: o empregado em salário, segurança no trabalho e assistência social e o empregador na organização e manutenção da mão-de-obra.

Todavia, todo esse potencial calcado na agroindústria canavieira está permanentemente na berlinda, pasmem, até em nossa própria região!

Hoje, esse setor, além de enfrentar as dificuldades da política recessiva (e correta) que o governo adotou, além de enfrentar os efeitos do conseqüente e drástico enxugamento monetário e das altas taxas, além de enfrentar a já costumeira hostilidade da Petrobrás, ainda "enfrenta" boa parte da opinião pública, em nossa própria terra. Será isso simples desinformação?

Os contrastes do Proálcool

Francisco Graziano Neto

EM TERMOS

Terra de contrastes, assim já se escreveu do Brasil. Analise-se o Proálcool e se terá certeza dessa verdade que caracteriza toda a América Latina. Desde o passado escravocrata, em pleno florescimento do liberalismo europeu, até a industrialização recente, o moderno se enovela com o arcaico, a riqueza se entrelaça com a miséria. Contrastes que estimulam o maniqueísmo e a análise vulgar, tolhendo a razão.

O sucesso do Proálcool é inegável, substituindo combustível fóssil, poluente, por energia limpa, renovável. Petróleo, dominado pelos briguentos árabes, trocado por álcool daqui mesmo.

A cana-de-açúcar é um vegetal maravilhoso, campeão na transformação de energia solar. Planta rústica e pouco susceptível às pragas e doenças, quase dispensando os perigosos agrotóxicos que intoxicam e contaminam. Mais ainda, seu vigor de crescimento permite cobrir rapidamente o solo, protegendo-o contra a erosão. Até a vinhaça, codinome garapão, co-responsável pela poluição dos nossos rios, hoje representa um dos maiores saltos tecnológicos da agricultura brasileira. Descoberta banal, quase um milagre, seu uso agrícola possibilitou elevar a produtividade do setor em até 50%. Se a utilização do bagaço vingar, gerando excedentes de energia elétrica, quem poderá duvidar do sucesso tecnológico do programa? Quanto às relações de trabalho, os descamisados bóias-frias se transformaram em verdadeiros operários rurais. Na safra de cana se pagam os melhores salários da agricultura, com carteira assinada, férias e demais direitos garantidos. A luta dos trabalhadores, em greves memoráveis, resultou na melhoria relativa de suas condições de trabalho e vida.

Mas o Proálcool tem também suas fraquezas e apresenta um pecado capital; a concentração da riqueza e do poder. É inaceitável que apenas uma dezena de famílias tenha tanta indústria, detenha tantas terras, empregue tanta gente, domine a economia regional. Não há justiça social por detrás do Proálcool!

Que ninguém duvide: o Proálcool foi responsável pela maior concentração de terras havida em toda história da agricultura. Milhares de pequenos agricultores não resistiram às pressões econômicas e venderam suas terras aos usineiros ou seus prepostos, abandonando a policultura e propiciando a expansão da monocultura.

Muitos bilhões de dólares foram direcionados para as mãos gulosas de uns poucos privilegiados. No fim da década de 70, os projetos que se encaixavam no Proálcool recebiam recursos muito acima do necessário, possibilitando comprar novas fazendas, equipá-las e propiciar a infra-estrutura produtiva. Os juros eram baixíssimos, tipo presente de mãe.

Essa mamata pecuniária permitiu a instalação de tantas destilarias por aí, algumas em locais totalmente inadequados, distantes, com terra fraca, sem chuvas. Viveram bem enquanto duraram os generosos subsídios, até meados de 80. Hoje muitas estão em falência, exemplos de dinheiro público mal aplicado, carcaças da burocracia corrupto apadrinhado pelos militares da época. Nem a Deus nem ao diabo. O Proálcool, que em verdade não existe mais, deixou-nos glórias e um punhado de podridão. Mas a indústria sucroalcooleira aí está, consolidada com canaviais que somam 2 milhões de hectares e ocupando 25% da mão-de-obra agrícola de São Paulo.

Resta, portanto, aprimorar a atividade e, principalmente, dividir os frutos dessa economia, riqueza bancada por todos nós. Mais ainda, vamos exigir agora um Proalimentos, porque continua faltando comida para os brasileiros. E isso, o maior dos contrastes, não pode continuar.

A embriaguez do álcool

Francisco Alves

NÃO

O dinamismo do setor agroindustrial, especificamente do sucroalcooleiro na região de Ribeirão Preto, contou com três pilares de ostentação: o primeiro e preponderante foi o apoio e incentivo do Estado; o segundo, o dinamismo da classe empresarial regional e o terceiro pilar, não menos importante, mas freqüentemente negligenciado nas análises alvissareiras do Proálcool é o da dinâmica populacional e do mercado de trabalho. No primeiro pilar, deve ser ressaltado a política de crédito subsidiado, preços favorecidos e mercado assegurado pelo Estado. No segundo, é notório que a classe empresarial regional, aproveitando-se dos incentivos do Estado, modernizou as usinas existentes, construiu destilarias anexas e autônomas e passou a produzir cana com o que havia de mais moderno, em termos de tecnologia e de organização do trabalho. No terceiro pilar, destaca-se a atração, para a região, de uma enorme legião de trabalhadores, vindos dos mais variados locais do país, que abasteceram o setor com uma força de trabalho abundante e barata, peça fundamental para o crescimento regional.

É neste terceiro pilar, que o balanço regional do Proálcool torna-se flagrantemente desequilibrado e negativo. Ou seja, as conseqüências sociais do programa são absolutamente perversas e díspares, batendo claramente com o adjetivo de "Califórnia brasileira", como a região se tornou conhecida. Em função da concentração regional de capital, potencializada pelo Proálcool, através do Estado, ocorreram concomitantemente dois fenômenos: primeiro, a forte contribuição para a eliminação das figuras dos colonos, parceiros e pequenos arrendatários e pequenos proprietários, pré-existentes. O segundo fenômeno foi a já mencionada atração de trabalhadores de outras regiões do Estado e do país. Devido a esses dois fenômenos, as cidades da região transformaram-se em aglomerados urbanos completamente inadaptadas para esse rápido crescimento. São aproximadamente 150 mil trabalhadores empregados na cultura da cana e laranja na região, habitando a periferia das cidades ou as cidades-dormitórios, que surgiram da noite para o dia, como por exemplo, Guariba, Barrinha, Pitangueiras, Dumont etc.

A maior parte desses trabalhadores vive completamente à margem de padrões sociais mínimos de existência: sem contratos de trabalho, sendo arregimentados por empreiteiros de mão-de-obra ("gatos"), com trabalho apenas no período da safra e recebendo remuneração

absolutamente insuficiente para sobrevivência em condições de dignidade humana. Os trabalhadores contratados diretamente pelas usinas e fazendeiros são como safristas (oito meses por ano). Afora isto, todos os anos, na safra da cana, o número de trabalhadores na região é acrescido por um amplo contingente de migrantes sazonais, vindos de Minas Gerais, Bahia, Norte de Paraná etc. Alguns vêm por conta própria, outros através de empreiteiros, a mando das usinas, que os contratam diretamente nas regiões de origem, reduzindo o emprego de trabalhadores residentes e forçando para baixo os salários já aviltados.

Segundo estudos efetuados pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, devido às péssimas condições de vida e trabalho dos trabalhadores rurais, há um grande número de crianças e adultos subalimentados, com "fome crônica", incapazes de ter o mesmo desempenho físico e intelectual de pessoas bem alimentadas. Por conta também dessas péssimas condições de vida dos trabalhadores rurais é que a região vem sendo constantemente atingida por surtos de doenças que, em condições normais de vivenda e alimentação, poderiam ser evitadas, como o sarampo, a hepatite, a caxumba e o atual surto de dengue, assim como contribui para o aumento da violência e criminalidade urbanas.

Por todos estes fatos, é que o balanço do Proálcool, em termos regionais, é deficitário. Torna-se cada vez mais urgente a intervenção decidida da sociedade para impedir que tome força o "Apartheid social", que já estamos vivendo, mas que é enevado pela embriaguez do álcool.